

EDITORIAL

Brasil e Portugal e a luta contra o Subdesenvolvimento

O tema do subdesenvolvimento que aflige Brasil e Portugal foi tratado no Documento Base da secção de Ciências do II Congresso das Comunidades de Língua Portuguesa, pelo magnífico Reitor da Universidade de Guanabara, DOUTOR RAIMUNDO MONIZ DE ARAGÃO. A tese que apresenta e defende é que o subdesenvolvimento nestes dois países seria mais facilmente vencido se a luta contra ele fosse planeada e empreendida em comum.

Neste documento depois de recordar as espectaculares conquistas alcançadas pela ciência faz notar que muitos importantes problemas estão ainda hoje por solucionar a despeito de não ser de considerar ter havido malogro «naquele sentido de esperança que fazia que Victor Hugo acreditasse num mundo sem dificuldades e repousando na fraternidade e na fartura».

Por ironia do destino há que reconhecer-se refere o mesmo documento, que o próprio progresso aperfeiçoando os métodos profiláticos e terapêuticos trouxe a expansão demográfica e com ela novos problemas humanos. Diz ainda que este paradoxo por muito desconcertante que seja não autoriza porém que se conjecture sobre os méritos e desméritos da técnica, porquanto a realidade mostra que o progredimento tecnológico é inexorável e se sobrepõe a todas as lucubrações de indole filosófica. O estudo deste progredimento mostra mesmo que segue uma lei exponencial, e assim, o distanciamento que separa no campo da tecnologia os países menos industrializados dos mais industrializados tende necessariamente a acentuar-se.

Actualmente verifica-se que entre 15 a 30 dos 120 países soberanos do Mundo, com uma população total inferior a um terço da população mundial, têm ao seu serviço a quase totalidade dos pesquisadores científicos e tecnológicos e são por isso praticamente os detentores de toda a ciência.

Nestas circunstâncias, os países actualmente subdesenvolvidos só podem perder esta classificação fazendo um enorme

esforço de «cultura», esforço que só quando vier do fundo da alma da massa populacional pode ter impacto bastante para vencer o estado de subdesenvolvimento.

Sair deste estado é reconhecidamente uma obra ingente que impõe a vivência duma «consciência colectiva» o que é difícil de conseguir justamente porque a própria falta de cientistas e a escassez de pessoas bem conscientes do muito que a ciência pode fazer para o bem comum, não ajuda a que se constituam «grupos de pressão» actuando em favor da cultura científica.

O Professor MONIZ DE ARAGÃO refere este facto emprestando a certo autor a seguinte citação: «O fazendeiro, o artífice, o educador, o servidor civil e os políticos destes países subdesenvolvidos não vêem a importância da ciência para os seus próprios interesses, e daí não poder existir nesses países um público científico propriamente dito. Existirão sim alguns cientistas e mesmo algumas pessoas com um certo grau de educação científica, mas não haverá ninguém que represente verdadeiramente os interesses da ciência e portanto nenhum «grupo de pressão» agindo em defesa da ciência e categorizado para lembrar ao sector influente da população, a necessidade de desenvolver a ciência e as suas aplicações. Cria-se assim um círculo vicioso que aproxima, entre si, o desinteresse pela ciência com o subdesenvolvimento, círculo esse que, só pode ser quebrado por decisões que sejam emanadas do sistema institucional central, ou seja, do Governo, da elite política, ou dos que a estes estejam intimamente ligados e sejam capazes de os influenciar».

Este interessante trabalho do Doutor MONIZ DE ARAGÃO põe ainda de sobreaviso os responsáveis quanto à ilusão, bastante generalizada, de que o subdesenvolvimento possa ser vencido «só com os recursos materiais oferecidos por organismos internacionais ou pelas nações mais poderosas movidas por interesses políticos ou filantrópicos».

(Continuação na pág. 360)